

Projeto Lobo /Brasil – uma experiência transformadora

The Wolf Project in Brazil – a transformative experience

MARISA TRENCH DE OLIVEIRA FONTERRADA

Instituto de Artes da Unesp

marisatrench@uol.com.br

Resumo: Neste artigo, trata-se de aspectos da obra de Murray Schafer ainda pouco conhecidos no Brasil, embora bastante prestigiados e premiados no Hemisfério Norte: sua obra composicional. Suas peças, em geral, são escritas para grupos instrumentais, vocais e solistas. No entanto, elas não serão abordadas aqui, mas, sim, o ciclo *Patria*, que compreende doze obras, compostas no decorrer de mais de quarente anos, representantes da tendência mundial de integração de linguagens. Entre as que fazem parte do ciclo, destaca-se, em especial, seu *Epílogo*, por sua maneira peculiar de construção, que elimina a oposição palco/plateia e alça todos os participantes à condição de ‘artistas’. Após descrever em linhas gerais como se caracteriza e organiza essa peça, mostra-se de que modo foi possível trazê-la ao Brasil em setembro de 2022, para ser montada em uma reserva ecológica, por treze participantes, lá acantonados durante cinco dias. Nesse local, eles tiveram oportunidade de vivenciar o contato com a natureza, cantar, brincar, criar, representar e, no dia final do Encontro, apresentar-se na Grande Roda da Vida. A integração ser humano/arte/natureza deu-se de maneira espontânea e rica, permitindo que aflorassem valores inerentes à vida comunitária, ao respeito ao local, a si mesmo e ao próximo, além da possibilidade de construção coletiva de artes e saberes.

Palavras-chave: arte; integração de linguagens; vida comunitária; relação com a natureza.

Abstract: In this article I intend to show some aspects of Murray Schafer’s work, not very known in Brazil yet, although very much applauded and prized in the North Hemisphere: his compositional work. They were written for instrumental and choral groups, as well as some pieces for orchestra and for soloist singers. Albeit, they will not be presented here. What I aim to show instead is the cycle *Patria*, a work composed by twelve compositions written over more than 40 years and representative of a world tendency of integration of languages. Among these works, the *Epilogue* stands out, by its distinct manner of being, in relation to the other works, chiefly because it eliminates the distinction between stage and public and considers all the participants as potential artists. After describing it in general lines, the main characteristic of the work, I describe how, very recently, it was possible to bring it to Brazil, in an ecological reserve and with the presence of thirteen participants, who stayed together for five days in the wilderness. There they had the opportunity of living in contact with nature, even only by a short period of time; they sang, played, created, and acted for themselves, in the Great Wheel of Life on the final day. The integration human being/art occurred in a spontaneous and rich way allowing the appearance of values of community life, respect to nature, to themselves and to the other, besides the opportunity of collective construction.

Key-words: art; integration of languages; community live; relationship with nature.

Para começar

Nesta edição da Revista MusiMid que homenageia Murray Schafer, pareceu-me oportuno abordar alguns aspectos de sua vida e obra não muito conhecidos no Brasil. De fato, de 1990, ano em que Schafer veio pela primeira vez ao País, até 2011, data de sua última visita, as suas ações estiveram, principalmente, ligadas à Educação Musical e à Ecologia Acústica. Certamente, sua presença teve importância inegável e suas propostas continuam a influenciar fortemente a formação e a prática de pesquisadores e educadores musicais brasileiros.

Mas há um campo que não tem tido muita ênfase no que se refere ao conhecimento do autor no Brasil, o da Composição Musical, não obstante sua obra nessa área ser bastante interessante e premiada, tanto no Canadá quanto na Europa e Japão. Schafer tem um número grande de composições, entre as quais se destacam peças para orquestra, quarteto de cordas, vários instrumentos, cantores solistas e canto coral. É imprescindível dar ênfase ao amplo domínio de Schafer quanto ao potencial da voz humana, que se reflete em sua fina competência criativa de escrita para esse meio, e em tirar partido de suas potencialidades. No entanto, o aspecto compositor de Schafer, hoje, pode ser mais conhecido, pelo fato de muitas de suas obras estarem disponíveis em canais de mídia audiovisual, além do site que expõe o conjunto de suas obras e partituras: www.patria.org

No entanto, embora reconheça a qualidade dessa produção, não é ela que vou trazer a este espaço, pois penso que outras questões e propostas podem representar ainda melhor a essência desse autor, a um só tempo, educador, músico, ecólogo, ensaísta e ativista cultural. Refiro-me à criação do que ele denomina *Teatro de Confluência* e às muitas formas, por vezes sutis, em que sua arte reflete seus valores éticos e estéticos e sua visão de mundo.

O Teatro de Confluência e o ciclo Patria

No *Teatro de Confluência*, todas as artes se juntam, sem qualquer tentativa de hierarquização. Diz ele que elas caminham todas em direção ao mesmo fluxo, “assim como os tributários de um rio”.

Idealmente, o que quero é uma espécie de teatro no qual todas as artes possam se encontrar, se cortejar e fazer amor. O amor implica em troca de experiências, nunca deveria significar a negação das personalidades. Esta é a primeira tarefa: conceber um teatro no qual todas as artes estejam fundidas, mas sem negar a força e a saúde de cada uma delas (SCHAFER, 2002, p. 26).

O representante desse Teatro é o ciclo *Patria*, um conjunto de doze obras, com o qual Murray Schafer se ocupou durante um período de mais de quarenta anos e cujo *Prólogo* é inspirado em uma lenda indígena canadense, que versa sobre uma mulher que caiu do céu. A obra é executada no meio da floresta, de madrugada, antes do sol nascer, o que, somente por esse fato, já provoca no público um sentimento misto de insegurança e expectativa que, de acordo com o autor, deveria acompanhar toda exposição à arte.

Esse mito, na versão schafferiana, é a história da Princesa das Estrelas, filha do Rei Sol e da Mãe Terra e ela mesma uma deusa. Por uma série de circunstâncias, ela cai do céu no meio da mata, bem em frente ao Lobo que, assustado, num gesto brusco, a fere. Quando a Princesa corre até o lago para lavar o ferimento, é raptada pelo Monstro dos Três Chifres. O Rei Sol, chamado pelos pássaros da manhã, desce à Terra, numa cena coordenada para coincidir com o amanhecer. Então, a presença dos enormes pássaros – bonecos com movimentos das asas, da cabeça e do corpo – que se apresentam em barcos no meio do lago, coincide com a algazarra dos pássaros reais, em um momento de perfeita integração entre arte e natureza.

Atendendo ao chamado dos pássaros, Rei Sol desce à Terra e ordena ao Monstro que volte aos mundos subterrâneos, não antes de devolver a coroa da Princesa, que havia furtado. Condena, também, o Lobo a permanecer na Terra e a viver muitas vidas, até perder seu ímpeto selvagem e aprender a ter compaixão. A Princesa deverá acompanhá-lo nessa trajetória, para auxiliá-lo em sua busca (SCHAFFER, R. Murray, 1989, partitura).

As dez obras que se sucedem correspondem às encarnações do Lobo e da Princesa das Estrelas, e às dificuldades que enfrentam em suas múltiplas vidas. Cada uma delas se dá em tempos e lugares distintos: o século XX, a Idade Média, a Grécia heroica, o Egito mítico... Elas ocorrem, também, em espaços diferentes, ora um palco convencional, ora um museu, um estacionamento vertical de automóveis, a Estação Ferroviária de Toronto, um jardim da cidade, ou o meio da mata. Em cada uma delas, as circunstâncias obrigam a se ter especial cuidado com o ambiente acústico, pois Schafer considera os recursos de amplificação apenas excepcionalmente, para obter efeitos especiais. O estudo completo do ciclo *Patria* está em "*O lobo no labirinto – uma incursão à obra de Murray Schafer*" (FONTERRADA, 2005) e em *Patria: The complete Cycle* (SCHAFFER, 2002).

O "*Epílogo*" da série, de nome "*... And Wolf Shall Inherit the Moon...*" (...e o Lobo herdará a Lua...), dá-se, como ocorre no *Prólogo*, no meio da floresta. Mas agora, em vez de artistas e público separados convencionalmente, como atuantes e observadores, há uma comunidade reunida para trabalhar em conjunto, em favor do que se espera e que ocorrerá: a redenção do Lobo e seu conseqüente perdão, pelo Rei Sol.

Nesse sentido, a obra é completamente diferente de qualquer uma das outras, tanto na concepção artística, quanto na forma de organização. Não é um evento que se dê num teatro ou em local alternativo. Ele reúne um grupo de pessoas interessadas em viver essa experiência em total entrega ao Projeto; assim, elas acampam na floresta durante nove dias, preparando-se para a vivência e, ao mesmo tempo, para o evento final – a *Grande Roda da Vida*, em que o Lobo, depois de tantas aventuras e de ter, enfim, mostrado compaixão ao poupar a vida de um animal, recebe a Lua do **Rei Sol**. No final da saga, a **Princesa das Estrelas** é autorizada a voltar para os Céus, por ter cumprido sua missão de amparar o **Lobo** em suas encarnações e reconhecido sua transformação. Sua coroa figura como constelação no hemisfério Norte – a Coroa de Ariadne, ou Corona Borealis - onde pode ser vista, na forma de um diadema de sete estrelas – as visíveis a olho nu.

Nesse episódio, a relação palco/plateia é subvertida; todos os presentes fazem parte, ao mesmo tempo, do elenco e do público. O projeto é autossustentável, realiza-se anualmente no mês de agosto na Floresta de Haliburton, em Ontário, no Canadá. Os membros do grupo – chamado *The Wolf Project* - acampam em quatro locais diferentes, reunidos em clãs referentes a animais canadenses, numa alusão às sociedades totêmicas. Esses sítios são bem distantes uns dos outros e cada um deles aloja dois clãs, o que obriga o grupo a fazer grandes caminhadas pela mata que, por si só, já são uma aventura.

Durante a semana, a cada dia, um desses locais é visitado pelos membros dos outros clãs. Os moradores do sítio acolhem os visitantes e, como anfitriões, os recebem com cantos, alimento, desafios e jogos criativos. No último dia, dá-se a grande cerimônia chamada *A Grande Roda da Vida*, em que se encenam os episódios que precedem e sucedem a redenção do Lobo.

Monta-se, no local, uma pequena orquestra, além dos solistas, que encarnam personagens; há, também, um coro de participantes, que não precisa ser, necessariamente, composto por músicos. Eles reverenciam os diferentes clãs e cantam canções alusivas a determinados personagens, ou a acontecimentos da obra. É um tipo de organização notável, em que ninguém é excluído e todos encontram um lugar no qual podem ser úteis e colaborativos, cada qual com suas habilidades pessoais e potencialidades. Mas há, também, oportunidade para que participem de ações que, talvez, nunca tenham experimentado, anteriormente.

Além das obras que Schafer assina, executadas por instrumentos e pelos solistas, muito do que o coro canta é composto por membros do próprio grupo. No decorrer dos anos, esse repertório vem sendo acrescido de novos cantos, enquanto alguns são abandonados, mostrando, na própria forma do evento, a circularidade e o fluxo das coisas. Alguns cantos, no entanto, se firmam e são sempre lembrados, por corresponderem ao clima e aos anseios dos participantes, isto é, por serem significativos para o grupo.

Os membros do Projeto Lobo, reunidos em seus oito clãs, representam uma sociedade igualitária, em que todos são valorizados pelo que são, sabem e fazem; eles participam da **Roda da Vida**, doando ao grupo aquilo que podem doar. Esse tipo de concepção de obra, que une a todos, independentemente de sua formação pessoal ou profissional, que lança mão de valores de sociedades orais e faz uma crítica ao modo de vida ocidental contemporâneo, é fruto de uma atitude que poderia ser chamada de romântica, na acepção de Lövy e Sayre.

Esses autores defendem a relação existente entre romantismo, anticapitalismo e ecologia, posição já assumida por eles há alguns anos e reiterada em sua nova publicação – "*Anticapitalismo romântico e natureza – o jardim encantado*". Para eles, o romantismo – não mais limitado à Literatura e às Artes – é uma das principais formas de ação e pensamento existentes na modernidade, e presente desde o século XVIII até os dias atuais. Esse movimento cultural é contrário às teorias do desenvolvimento e do progresso que fundamentam a civilização industrial e o capitalismo e procuram aproximar arte, religião e posições políticas a contextos históricos e sociais (Sayre & Lövy, 2021).

A partir do que foi informado, pode-se compreender os vínculos do *Epílogo de Patria*, tanto com a estética contemporânea, como, também, com os valores, o *ethos* e a visão de mundo do autor, que se coadunam com o movimento anunciado por Lövy e Sayre há alguns anos e reiterados recentemente, ao vincular a "visão romântica" de mundo – aquela que, embora busque fontes de inspiração no passado, constitui uma forma atual de oposição aos valores progressistas vigentes na modernidade e a uma proposta alternativa de expressão e atuação, em que o poder transformativo da arte seja recuperado" (Lövy e Sayre, 1995). In: FONTEERRADA, M., 2005, p. 377).

Procurando dar respaldo ao que foi dito anteriormente, evoca-se Clifford Geertz que, embora não proveniente da mesma tradição dos autores citados, reitera o que foi dito por eles, ao considerar *ethos* e *visão de mundo* mutuamente dependentes, embora distintos. De acordo com ele, na discussão antropológica que se estabeleceu a partir da segunda metade do século XX, os aspectos morais, estéticos e valorativos de uma determinada cultura reúnem-se sob o termo *ethos*, enquanto os aspectos cognitivos englobam o que se denomina *visão de mundo* (GEERTZ, Clifford. 1978), In: Fonterrada, M. 2005, p. 377).

Continuando na esfera da antropologia, é interessante evocar, também, Roger Bastide, que tem se ocupado dessa mesma temática e analisa os fenômenos da modernidade e da antimodernidade. Ele afirma que a sociedade moderna, que antes se caracterizava pelo desenvolvimento da comunicação, pela divisão do trabalho, pelos modos de produção e pelo progresso da ciência, entre outras coisas, apresenta um movimento reativo em direção contrária, de crítica à modernidade, por ver que muitas das metas almejadas apresentam, hoje, fatores negativos. A crítica é ao progresso sem limites e à supervalorização do individualismo, além da *sacralização*

do dinheiro, e do excesso de especialização e suas consequências, tais como a fragmentação e a alienação (Bastide, R. 1975, p, 168-72) e, nesse sentido, embora não adote o termo "romantismo", alinha-se ao dito por Sayre & Lövy, contribuindo para a compreensão das posições de Schafer.

De volta do passeio pela ciência antropológica à realidade

Quando, em 1993, estive no Canadá pela segunda vez, para fazer um Doutorado-sanduiche na University McGill, em Montreal, tive oportunidade de participar de *The Wolf Project* e vislumbrei, naquilo que estava vendo e ainda tentando compreender, um movimento reativo semelhante ao encontrado nos estudos antropológicos anteriormente citados, em especial, o conceito de romantismo de Sayre & Lövy.

The Wolf Project é um projeto/obra intenso e desafiador, pois pressupõe que se viva em meio a uma floresta, durante um período bastante longo - nove dias - com pessoas acostumadas com a vida urbana, em que os participantes alternam providências de ordem prática, de sobrevivência na mata, a rituais e performances artísticas, há tempos adotados pelo grupo, bem como com a preparação do final da história, que se dá na Grande Roda da Vida.

A convivência das pessoas por esse período e o enfrentamento de inúmeras condições adversas ou extenuantes aproxima o grupo e cria laços importantes, que aumentam a possibilidade de vida comunitária. Entre essas dificuldades, citem-se, como exemplo, o mau tempo, a dificuldade de acesso pela necessidade de se fazer os traslados por barcos a remo pequenos, com capacidade para levar apenas três pessoas e alguma bagagem por vez. A cada viagem, uma dessas pessoas precisa levar o barco de volta, para completar o transporte dos companheiros que ainda estão do outro lado, o que torna o processo de travessia particularmente moroso. E há, ainda, a regra de, durante os dias na mata, não se lançar mão de qualquer recurso eletroeletrônico, o que mantém o grupo isolado do mundo externo durante todo o período de imersão na obra.

Mas tudo isso que se enfrenta se esvai na alegria comunitária do dia a dia, em que há muitas oportunidades de participação em pequenos eventos artísticos, contação de histórias, caminhadas na mata, nas danças e brincadeiras à noite em volta da fogueira e, principalmente, na cerimônia final da Grande Roda da Vida, em que o Lobo, afinal, ao se redimir, ganha a Lua de presente e a Princesa, enfim, pode voltar aos céus.

A transposição de uma ideia

Essa história poderia terminar aqui; reconheço a dificuldade de transmitir a quem não a vivencia a dimensão dessa obra. No entanto, as pessoas que tiveram oportunidade de viver a experiência relatam como ela é forte e significativa na vida de cada um. No período de trinta anos, em que voltei quase em todos eles à Floresta de Haliburton para viver a saga do Lobo e da Princesa, tive oportunidade de levar comigo vários brasileiros, a maior parte deles, meus alunos no Instituto de Artes da Unesp mas, também, outras pessoas que se interessaram em participar desse evento singular, e creio poder afirmar que todos eles guardam bonitas e significativas lembranças dessas experiências.

Desde a primeira vez que veio ao Brasil, em 1990, Schafer sempre gostou de estar aqui. Ele se impressionou com a prontidão de respostas dos estudantes, obtidas a cada uma de suas propostas. Considerava os brasileiros pessoas alegres, comunicativas e, principalmente, muito criativas. Assim, era natural que quisesse ver uma extensão do Projeto Lobo no País e, muitas vezes, sugeriu que eu conduzisse, aqui no Brasil, uma experiência similar, levando brasileiros a acampar na mata e a viver a mesma história do Lobo e da Princesa.

No entanto, sempre relutei, por uma série de razões, entre elas, a dificuldade de encontrar um espaço ideal, a falta de verba para uma possível locação e – por que não dizer? - o medo de cobras, considerando que, ao contrário de Ontário, onde elas não aparecem, a mata brasileira as tem e, frequentemente, venenosas. Eu argumentava com ele que seria preciso ter biólogos e mateiros acostumados a lidar com serpentes, para que nos orientassem a conviver com esses animais e, ao mesmo tempo, evitá-los. E achava difícil conseguir preencher todas essas condições. O fato é que nunca realizamos o Projeto Lobo no Brasil.

O que acabou de ser dito era verdade até agora, pois algo mudou no panorama descrito, e de maneira muito singular. Em 2020, em meio ao mergulho nos tempos incertos provocados pelas restrições sanitárias em todo o mundo, eu participava de um curso *on line*, como tantas vezes ocorreu e ainda tem ocorrido. Entre as pessoas presentes, estava um rapaz – Raphael Arcanjo – que eu ainda não conhecia. Quando ele se apresentou, falando de seu trabalho no interior de São Paulo, como agricultor e professor de agricultura biodinâmica, algo em sua fala me captou. Após o encontro, escrevi-lhe simplesmente: “Preciso falar com você”.

Marcamos, então, uma conversa, na qual relatei o que pude a respeito de *...And Wolf Shall Inherit the Moon...* e do desejo de Schafer de trazer o projeto ao Brasil. Quando terminei minha fala, ele me disse simplesmente: “Vamos fazer”. E me contou o que segue:

O **Parque do Zizo** é uma reserva particular, montada em homenagem ao tio de Raphael, irmão mais velho de seu pai. Zizo foi preso, torturado e morto em 1969, em São Paulo, durante o regime militar, quando tinha 24 anos e era estudante de engenharia. Após sua morte, durante muito tempo correu um processo movido pela família, finalmente ganhou na Justiça, quando, então, o Governo Brasileiro reconheceu sua culpa na morte de Zizo e indenizou os familiares por esse acontecimento infausto. Diz Raphael que sua família foi uma das únicas a receber essa indenização, ao conseguir provar a culpa do Estado.

Com esse aporte, os familiares resolveram comprar parte da mata próxima a sua cidade e construir o Parque do Zizo, em homenagem ao jovem, transformando-o em reserva ecológica. A floresta situa-se no município de São Miguel Arcanjo, perto de Sorocaba, SP, na região do Vale do Paranapiacaba, considerado o maior contínuo de Mata Atlântica do mundo. Há uma Ong - *A Paz* – responsável pelos cuidados e pela manutenção do Parque. Atualmente, a Presidência dessa Ong é do próprio Raphael Arcanjo, que lá desenvolve vários projetos; ele dá cursos e orienta agricultores locais a respeito de plantio, cuidado com a terra, manejo, preservação de fauna e flora, entre outras coisas. Entre os projetos mais recentes, está o da criação de abelhas e produção de mel. (Parque do Zizo, 2022; <http://parquedoZizo.com.br/>)

Ao saber do empenho de Raphael para manter o Parque visível e sustentável sem infringir as regras ecológicas, perguntei-lhe como pensava a respeito de a floresta se beneficiar com a presença de pessoas na região da reserva. Raphael achou a pergunta sutil, mas respondeu que a relação humanos/floresta é recíproca e emana pureza e paz. Segundo ele, a mata se beneficia, ao despertar nos seres humanos os sentimentos já evocados. Por ser um lugar primevo, atávico, ela semeia sonhos e sentimentos. É como se, ao inspirar, fosse mais amada, querida e cuidada pela humanidade. Com isso, todos ganham, inclusive a associação; de alguma forma, todos recebem e doam. (ARCANJO, comunicação pessoal, 2022).

Essa maneira de ver a natureza é muito próxima à de Murray Schafer e mostra o modo romântico de estar no mundo, segundo a mesma concepção já abordada, de Lövy & Sayre e Roger Bastide, entre outros. Foi essa identidade de valores e propósitos que tornou possível vivenciarmos a experiência de replicar no Brasil a experiência canadense.

... e o Lobo chegou ao Brasil

Depois de Raphael e eu conversarmos a respeito da empreitada que pretendíamos propor, o passo seguinte foi falar com alguns amigos que, na nossa percepção, poderiam querer estar conosco. Não dispúnhamos de muitas vagas, pois havia um limite na capacidade de hospedagem do Parque. Na primeira conversa com

esses amigos, tivemos cinco interessados. Raphael, então, disse: "se cada um trazer uma pessoa, teremos catorze ou quinze, número bom para nossa primeira experiência". E assim foi feito. Ao final, reunimos treze pessoas.

Nas conversas preliminares no grupo de WhatsApp que se formou, em especial, para atender questões práticas; logo ficou evidente que os assuntos "o que levar" e "que tipo de alimentos teríamos de providenciar" foram os temas mais relevantes.

A infraestrutura da estadia ficou a cargo de Raphael, que, além disso, providenciou mantimentos junto a agricultores locais. Cada um dos membros do projeto trouxe, também, sua contribuição. Tínhamos, então, garantidos, alojamento e alimentação.

As refeições durante a estadia no Parque do Zizo foram comunitárias; a cada dia uma equipe se ofereceu espontaneamente para cuidar da alimentação do grupo, sem que houvesse necessidade de se organizar uma tabela de horários por escrito. Foi notável como todos se organizaram para responder ao chamado das necessidades diárias e como as refeições foram bonitas e variadas. Faltava mergulharmos na experiência artística. A criatividade do grupo se expressou também aí.

Organizando a ação artística

Diferentemente do projeto canadense, que dura nove dias, o nosso teria apenas cinco, dos quais se excluíam os dias da chegada e da partida. Então, na verdade, tínhamos somente três dias para desenvolver as ações necessárias à vivência da história do Lobo e da Princesa. Ninguém, exceto eu, tinha a menor ideia do que iria ocorrer por lá, em termos de atividade artística. Isso foi um fator positivo, por dois motivos: em primeiro lugar, a confiança despontou como uma das principais características do grupo, gente que se dispôs a sair de suas casas em pleno feriado de 7 de setembro, para viver uma aventura na floresta, da qual não tinham a menor ideia do que poderia ser. A segunda característica foi a entrega. Uma vez conhecedores da história e das tarefas a serem trabalhadas, todos se dispuseram com tamanho empenho, que o cerimonial do último dia foi montado em tempo recorde.

Em nossa primeira reunião, na noite de 7 de setembro, contei ao grupo, pela primeira vez, a saga da Princesa que caiu do céu e de como seria a redenção do Lobo, agora, pela primeira vez, em solo brasileiro. Contei-lhes que, no Canadá, o grupo se organiza como sociedade clânica; há oito clãs, representados por animais da fauna canadense e os participantes se integram a um ou outro desses animais, dos quais emprestam simbolismos e traços de personalidade.

Resolvemos que, no nosso caso, seria melhor criar clãs com animais brasileiros. Como éramos poucos, decidimos, também, que teríamos apenas quatro clãs. Os próprios participantes deliberaram entre si e escolheram os animais clânicos: a Onça, o Tapir, a Serpente e a Gralha Azul.

No entanto, como não houvesse tempo para preparar encontros promovidos pelos clãs, como no Canadá, procurou-se, ao menos, criar cantos e chamados correspondentes a esses animais.

Outro ponto abordado na primeira reunião foi a importância dos Rituais no contexto do projeto. Assim, mantivemos alguns, escolhidos entre os que ocorrem no Canadá:

A **Cerimônia das Quatro Direções** – em que se invoca os espíritos dos quatro pontos cardeais para dar e promover a paz na Terra. Ele é feito a cada manhã, antes do café.

A **Matinata** (Aubade) e a **Serenata** (Nocturne) – que têm o intuito de despertar o grupo de maneira sensível, todas as manhãs, bem como embalar o seu sono, à noite.

O **Ritual do Silêncio** – no qual se pede aos participantes que, ao acordarem, procurem se manter calados até a realização da Cerimônia das Quatro Direções. Também à noite, depois das atividades de recreação e confraternização, recomenda-se que todos se recolham, para recuperarem forças e estarem prontos para o outro dia. Aí, depois da Serenata, aconselha-se, também, manter o silêncio.

Trata-se do cultivo do silêncio positivo, que ajuda as pessoas a se conectarem consigo mesmas e com o ambiente. No mundo atual, o cultivo do silêncio é cada vez mais raro e necessário, pois ajuda a equilibrar o excesso de sons ambientais e pode ser usado como estratégia para reafirmar a escuta fina de si, do outro, do meio ambiente.

Exploração da mata e da capacidade criativa

Além das tarefas diárias e dos Rituais que combinamos manter, havia outras tarefas; entre elas, conhecer um trecho da mata, nos afastando do espaço de hospedagem e alimentação. Há várias trilhas mas, como ainda tínhamos muitas tarefas a fazer, optamos por explorar apenas uma delas. Ficou a promessa, para o próximo ano, de avançarmos no conhecimento do Parque. Depois da trilha, que durou praticamente a manhã toda, com direito, inclusive, a um banho gelado mas reconfortante em um dos rios que cortam o Parque, concentramo-nos no Roteiro da obra, nas músicas que deveríamos aprender e na busca de alternativas de músicas brasileiras ou compostas pelos membros, conforme fosse o caso.

Ao ler com o grupo o Roteiro da peça, pareceu importante decidirmos quais personagens seriam preservados como no original – caso do **Lobo**, da **Princesa das Estrelas** e dos pais do mundo: o primeiro homem – **Shalana** e a primeira mulher – **Hatempka**, além do **Caçador** e do **Cervo Branco**, pela simbologia que trazem– e quais poderiam ser substituídos por mitos brasileiros, por haver por aqui personagens equivalentes ou possíveis de serem adaptados. Foi o caso de **Tapio** – protetor das florestas na saga Kalevala que tem papel importante na história canadense, substituído por **Curumim**, personagem brasileiro e, também, protetor da mata. **ShapeShifter**, o ser mítico transformador, foi trocado por **Exu**, de tradição afro-brasileira, que tem, também, o mesmo poder; **Utanda**, guardião do clã humano, foi, sentimentalmente, trocado por **Zizo**, tornado personagem, como guardião dos clãs. Justa homenagem a quem nos permitiu explorar a mata que agora é dele.

A Grande Roda da Vida

O local escolhido para a Grande Roda da Vida é um espaço conhecido como Mirante. Por estar localizado em um terreno bem mais alto do que o terreno ao seu redor, proporciona uma vista excelente da mata. Era um lugar privilegiado para nosso objetivo e, embora pequeno, permitiu que se construísse o círculo de que precisávamos, por onde todos os personagens iriam transitar.

Um dos momentos de maior energia foi aquele em que todos cantaram o **Canto do Lobo**, de autoria de Schafer e que, no Canadá, é considerado como uma espécie de “hino” do Projeto, por meio do qual todos se reconhecem como membros. Ele foi abraçado pelo grupo e cantado com grande energia.

Não seria possível fazer muitas das composições de Schafer, que exigem pequena orquestra e solistas; além de não termos tantos instrumentos, as obras pedem por uma razoável capacidade técnica e tempo de estudo, de que não dispúnhamos; contávamos apenas com uma clarineta e dois violoncelos, além de percussão e voz. Fizemos, então, substituições e arranjos, o que, no meu entender, não trai a proposta de Schafer, que conta com a capacidade criativa do grupo e disposição para se adaptar às circunstâncias.

Alterações nas músicas e adaptações às condições de cada ano são previstas, também, no Canadá. A ideia é que não haja impedimentos técnicos para a construção da obra. Tudo é feito a partir das possibilidades dos presentes. E foi esse, também, o critério por nós adotado: explorar as capacidades e as experiências das pessoas que lá estavam e permitir que fizessem aquilo que sabiam fazer; é claro que explorar novas possibilidades e descobrir talentos escondidos também eram atitudes desejáveis.

As personagens foram todas abraçadas por membros do grupo: **Curumim, Zizo, Shalana, Hatempka, Rei Sol, Lobo e Princesa, Caçador, Exu, Cervo Branco**, que se alternavam nas cenas e na Roda da Vida, assim como os clãs.

É preciso dizer que tudo o que foi descrito não teria acontecido, não fosse a participação unânime e incondicional de todos. O encontro correu de maneira ímpar, com tudo providenciado a tempo e a hora. À noite, depois da *Grande Roda da Vida*, fizemos uma avaliação do trabalho e os depoimentos foram emocionantes e sensíveis. Além das qualidades técnicas, ficou patente o potencial de atividades como essa, que se afastam das necessidades determinadas pelo modo de vida contemporâneo e se voltam para a arte, a solidariedade, a compreensão do outro e o reconhecimento da importância da volta à natureza, que traz benefícios, tanto aos presentes, como à própria mata.

Retornam neste momento, as palavras de Raphael: “ao auxiliar a tarefa de semear sonhos e sentimentos por meio da atitude artística, – cria-se um vínculo em que todos recebem e doam” (2022, comunicação pessoal).

Últimas palavras

A adoção de uma expressão corriqueira em português, em geral, atribuída a alguém que, ao deixar o mundo, faz seu derradeiro processo de comunicação, tem a intenção de, por meio de um jogo, emprestar-lhe outro sentido. É uma atitude que traz o jogo e a informalidade ao texto, sem abandonar os objetivos de retidão, clareza e verdade, ao que eu acrescento beleza, visão de mundo e *ethos*. Dessa maneira, temos *Informação rigorosa* aliada a *arte e poesia*. Essa disposição contamina a forma do presente texto.

Apesar de este depoimento estar ocorrendo agora, no século XXI, posteriormente à grande crise sanitária mundial, para concluir este relato, quero evocar algumas palavras que, não fora o fato de terem sido escritas em 1800, pareceriam ter testemunhado os ideias e as ações de *The Wolf Project* canadense e que, no meu entender, poderiam, também, referir-se ao *Projeto Lobo* brasileiro:

... estamos perto de adquirir uma mitologia, ou, mais exatamente, seria tempo de conjugar nossos esforços para criar uma mitologia. Por que razão o que existiu não se renovaria? Com certeza, de outra maneira, mas, por que não sob uma forma mais bonita e elevada? (SCHLEGEL. Apud Lövy e Sayre, 1995, p.41).

Referências

Bastide, R. "Prométhée a son Voiture". In: Bastide, R. 1975. "*Le sacrée Sauvage et autres essays*". Paris: Payot.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. 2004. "*O lobo no labirinto – uma incursão à obra de Murray Schafer*". São Paulo: Fundação Editora Unesp.

LÖVY, M., SAYRE, R. 1995. "*Revolta e melancolia – o romantismo na contramão da modernidade* Petrópolis: Vozes.

SCHAFFER, R. Murray. 1989. "*The Prologue: The Princess of the Stars*" (score). Toronto: Arcana Editions.

(____). 2002. "*Patria: The Complete Cycle*". Toronto: Coach House Books, 2002.

(____). 2001. "*The Epilogue: ... And Wolf Shall Inherited the Moon*" – Twelfth Draft. n.p.

SAYRE R., LÖVY, M (2021). *Anticapitalismo romântico e natureza - o jardim encantado*. São Paulo: Fundação Editora Unesp.

Sites:

<http://parquedoizico.com.br/> acesso em 22 de setembro de 2022.

www.patria.org acesso em 30 de novembro de 2021.